

FORA
DA
ASA



poesia

MANIFESTO



todas
escrevemos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Poesia manifesto [livro eletrônico] / organização
Bruna Morelo , Camila Alexandrini. --
Porto Alegre, RS : Fora da Asa : Todas Escrevemos,
2021.
PDF

ISBN 978-65-993108-4-3

1. Mulheres na literatura 2. Poesia brasileira I.
Morelo, Bruna. II. Alexandrini, Camila.

21-76524

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Capa e Projeto Gráfico

Lis Bortoli Henz

poesia
MANIFESTO



**FORA
DA
ASA**

*todas
escrevemos*

SUMÁRIO

Levadas y Levantes	3
Adriana Mondadori	7
Ana Paula Fagundes	8
Bárbara Carvalho Medeiros Ramos	10
Bruna Morelo	11
Bruna Santiago dos Reis	12
Cleusa Piovesan	14
Giovana Dalcin Netto	15
Iasmin Schleder	16
Jessica Oleques	17
Leticia Moreira	19
Luísa Chini Baptista	20
Márcia Fagundes Barbosa	21
Mari A. Bortoli	22
Marieta Madeira	23
Natália Doria da Costa	24
Priya Nilah	25
Raísa de Souza Nunes	27
Rosa Pereira	29
Sara Ventorini	31
Sha Konrath	32
Organizadoras	33
Diagramação/Design	34



Levadas y Levantes

Porque as palavras brotam em mim
a experiência me perpassa e me transborda
para não sufocar em pensamento
assim a vida toma mais pausas e sentidos
eterniza o meu hoje
para, no futuro, me reconhecer na história
tenho em mim, palavras e mistérios, Escrevo

para me desabafar
desenrolar
desobstruir
porque minhas palavras precisam de ar
precisam de portas e janelas abertas

para deixar a digital da minha alma
registrar minha existência
é um ato político de auto(ra)-amor
um testemunho
de que cada passo
valeu nesta jornada

porque falo
e falo de coisas novas e velhas, que ouço nos discos, como diz Belchior
tomo cuidado
penso torto, penso errado e andarilho muito chão atrás da alegria e do amor
canto, choro, sou

Escrevo sobre o amor e a dor que me jurou não rimar
para lançar um olhar a quem não me quis ver eternizada em alfabetos, nas estantes, nos
postes... aonde eu bem entender
para abarcar meus não-ditos
porque guardo muitas histórias que gostaria de dividir

Escrevo para ir a lugar
algum:
minha escrita é o lugar



se hoje ainda Escrevo
é porque não me permito
morrer primeiro

para me levantar
para ensaiar meu corpo nas letras
para dar sustento aos meus traços

para dançar nas terras do nosso *bRaSiL tErReiRo*,
escrevo
escrevo para lembrar
escrevo para esquecer

é a única via em que acesso a vulnerabilidade enquanto potência de força
e dou materialidade ao (meu) abstrato

Escrevo para que palavras ecoem presenças
para que a existência seja rota de enfrentamento
para que resistências calem as vozes
que nos desejam sombras apagamento
para reconstruir ossos e me ser in-tei-ra
para tecer as linhas tortas incertas
das dores e dos desejos

romper barreiras
transbordar
não me afogar
Escrevo

para compartilhar
pensar e analisar
Escrevo
sozinha e coletivamente

Escrevo
o que não cabe em mim
o que não cabe ~~em mim~~
o que sou
o que me falta...
para organizar
pensamentos e ideias que dentro da cabeça e do coração não param
[de buzinar

quando coloco no papel
seja ele papel-de-pão
guardanapo de mesa de um bar
pedaço de rascunho da lista do supermercado
canto de página
ou tela de computador
minha cabeça
fica mais leve

minhas ideias já não cabem dentro de mim
têm que sair pra fora
têm que voar
para além do papel
ganhar asas
chegar ao céu

forjo nas palavras abrigo para minha voz
um corpo novo
vestido de coragem que atravessa os tempos
e a rua tarde da noite
com o coração tranquilo
Escrevo para proteger a faísca
brilhante nos olhos da menina
que encontra seu grito nas páginas de um livro

para me colocar diante desse lago
onde posso observar o fundo
profunda, afundo no desconhecido

Escrevo para estar presente

Escrevo porque sinto
a vida me atravessa
e me dá sustos poderosos

Escrevo, pois a letra
é a solução que alcanço
para me transbordar
e traduzir o que vejo do mundo

Escrevo porque existo



e minha arte é de palavra
escrever é resistir
também é sossegar

Escrevo como um ato de libertação!
na escrita não há prisão,
há captura de pensamentos soltos
e seleção do que deixo ir
e do que quero que fique

porque sou levada pela palavra
quero poder
ser levada
ser levante

Escrevo porque preciso dizer
não dizer não é uma opção
Escrevo para me conhecer
para me acostumar com as vírgulas e os pontos finais da vida

Escrevo porque não entendo como a terra gira
tudo o que eu queria era
morar no infinito de uma tarde amarela
sou essa flor deitada na janela, sem entender muita coisa
Escrevo para desvendar um mistério
e me perder no labirinto de uma folha
sou de carne e osso
e isso é tudo o que eu tenho: muita dúvida e vontade de viver

Escrevo para não me afogar em mim mesma
para me derramar sobre o tempo
para sentir com mais profundidade
e sobreviver à matéria
deixar pulsar minha verdade e ouvir minha própria voz
parar o tempo

Por que escrevo? Nunca saberei dizer ao certo...

continuo escrevendo



TodAs EscreVemos da Oficina de Poesia Manifesto

agosto de 2021
Porto Alegre/RS

Mutante

amanheceres desvelam
o atropelo do tempo
no embate com o espelho
o passado alonga
acarinho as linhas da face
surpreendidas pela emoções
vejo-me velha

temo esquecer as vivências
a doença da alma
essência em pobreza
não temo um rosto marcado
pelo tempo célere
sinto-me bela

acoberto-me na varanda
folhas de bordô
valsam encostas pelo ar
sublime entardecer
de tapetes ocres
bordados na calçada

o aroma de pitanga doce
habita os poros de meu corpo
ondulado, desliza
a mão embebida do creme

noites suadas, insones
desejos fastios
partes desidratadas
há clima
na mulher climatérica
sem medo do embargo
tateio meus gomos
ao favo de mel
tremem as pernas
fiquei mole
feito algodão
sinto-me vívida

as flores umedecem ao orvalho
céu cintilante de ar em gotas
palato embevecido pelo mosto da uva
encolhe-se o horizonte



Adriana Mondadori

era primavera
nasci sob o rebrilhar das estrelas
Vênus florescia
anseio desvelar as questões ocultas
que nos impedem de vivermos em plenitude

RAIVA

Tenho raiva e minha raiva
exala por todos os meus poros

Outro dia me chamaram
de revoltada
Estranhei
Eu, já no meio da estrada

Desde os dez anos
nunca gostei que passasse panos
Tenho raiva da desigualdade
que não poupa idade

Na escola não me encaixei
no grupo da maldade
Que media pelo bolso
e não pela amizade

Do sonho-pesadelo
do consumismo
Criei raiva do líquido preto
que alimenta o individualismo

Invade as mesas
enquanto “ela”, a corporação
espalha tristezas
estupra a natureza

Vejo prateleiras cheias
de “Cocô-cola”
Enquanto no frio lá fora
o povo ainda pede esmola

Tenho raiva do silêncio
e do silenciamento
Daquelas que frente ao abuso

se calam
E das que abrem a boca depois que todos falam

Às vezes tremo de raiva
Sempre meus olhos arregalam
Raiva movimentada e
faz o sangue correr

Raiva de quem não acredita na mulher estuprada
Faz da dor e da violência naturalizada

Sinto raiva também
dos erros meus...
das faltas de acertos
das palavras que magoaram quando não devia
das contradições

Numa sanfona de emoções
Minha raiva vai pra fora
e vem pra dentro
Difícil controlar este sentimento

4.5 já tenho idade
Será que aprendo na outra metade?



Ana Paula Fagundes

Bio-logo, bióloga na formação estudando,
vivendo a vida
Capoeirando no meu andar
Mãe de guri e guria
No constante desafio de aprender e ensinar.

Marcha do Movimento

Gritar

Correr na fumaça do tempo

Passear através das horas

Dizer

Aguardar o retorno do vento

Livrar-se do mal, amém

Olhar

Saber que não se está só

Parar no instante em que todas

Sejamos legalizadas

E tenhamos a bondade de ser

Verde livre pela vida.

Bárbara Carvalho Medeiros Ramos

Da pele negra e de grandes olhos

Sou e resisto

Escrevo e assisto

Caminho no breu das noites

E sobre a existência, reflito.

Carta para uma escritora

Cada linha do teu corpo
não

Cada linha que tu escreves

Cada gota do teu suor
não

Cada gota de tinta que desenha tuas palavras

Cada roupa que tu vestes
não

Cada roupa que escolhes para teus personagens

Cada lugar que te ocupa
não

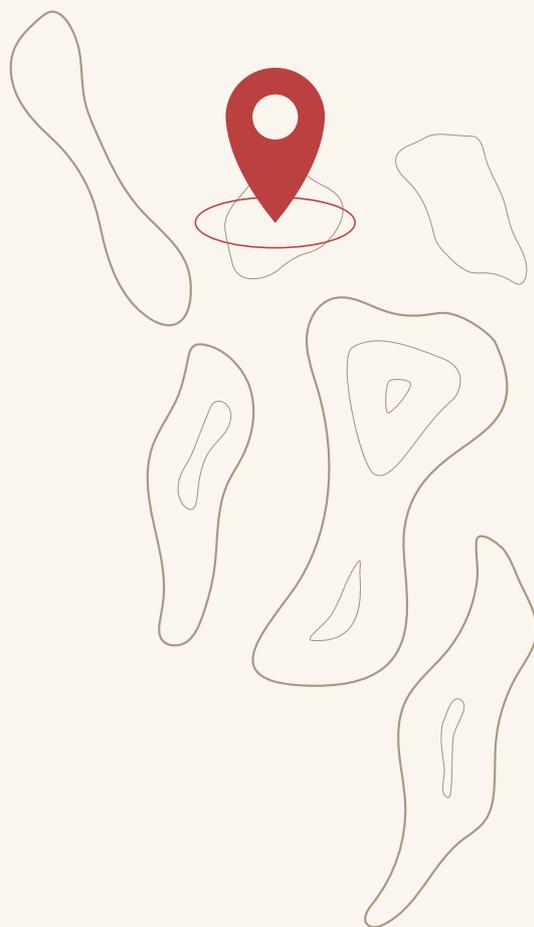
Cada lugar de silêncio em que te compartilhas no papel

Mulher, a tua escrita importa
seja erótica
seja dramática
cômica ou misteriosa
acadêmica ou horrorosa
romântica ou histórica
seja manifesto ou
só
elas mesmo
palavras

só não seja silenciosa

porque escrita é poder

e mulher, eu quero é te ler



Bruna Morelo

Fevereiro, meu carnaval, verões e mar
Vivo continentes, histórias para contar
Agrega
Desagrega
Recebo e dou: asas para voar

POEMA DA FALTA QUE ME FAZ

Eu nunca tinha pensado
Que nosso destino era
Virar saco de carne
No chão
Dormindo o sono dos nossos cernes
Se é que terei sorte

Eu nunca tinha visto fotos
Pedindo tempo por favor para
Sempre encarei meus tempos
Com dignidade e boa dose de esquecimento
Eu nunca pensei que cheiros risos teus olhos abraços
Fossem se transformar na falta que me faz

Eu incendeio tudo todos
Explodo em palavras em gestos o tempo todo
Mas acordei hoje e apagou, apaguei, se foi
Por enquanto eu espero

Porque a dor que me consome
Rasga minha garganta
Me afoga e me deixa um saco de carne
Mas não como você

Lembrar é transporte afetivo
Como a fumaça daquele café
Que leva para nossos dias
Repletos completos

E nosso almoço, como ficou?
Pra quando faremos aquele
bife que você diz pra colocar leite
Nunca vi bife com leite
Mas acreditei

E agora só tenho nossos momentos



Palavras desajeitadas

E a voz da mãe numa ligação da terça-feira fria às 8 da manhã

Talvez não seremos sacos de carne pra sempre mesmo

Seremos pó nas estrelas

Fagulhas de memória



Bruna Santiago dos Reis

Olho para espelhos quebrados
E piso em terrenos lamacentos
Meu corpo dança experimentos e sentimentos
Minhas mãos criam matérias (in) versíveis
Sou muitos mundos mudando em mim.

SOU MUITO MAIS EU!

E eu me despi
de tudo o que não me cabia mais.
Desnudei mente e alma.
Libertei-me,
sem olhar para trás!

Deletei:
os sonhos desfeitos;
o passado infeliz;
as dores e as cicatrizes;
os relacionamentos tóxicos;
os amores "perfeitos"!

E vesti-me de mim
com idiossincrasias e ideais...
revesti-me de amor-próprio;
a modelagem perfeita!
E hoje sou mais eu, muito mais!



Cleusa Piovesan

Como falar de mim? Simples!
Sou poeta, sou vida vibrando
Mestre em Letras me letrando
sou eu e sou tantas outras
que em mim vivem e vão passando.

Entre gritos e sussurros

Ouvi dizer que as repetições fazem parte da vida

E é possível rompê-las?

não sei

mas sigo tentando

riscando, dançando, navegando, pintando, escrevendo, saltitando... .. gRiTo!

Me amparei nas palavras das mulheres poéticas

fazia tempo que eu não sentia meu corpo tremer e

com minha voz rAsGuEi o cortejo dos grandes triunfos

o Vento cortou a minha pele

mas agora, eu corto o vento!

Adelante!

Dos cacos faço telas

das velas faço barcos

Dos pedaços faço texto

deslizo pelo avesso

Nos abismos que tropeço

não desisto

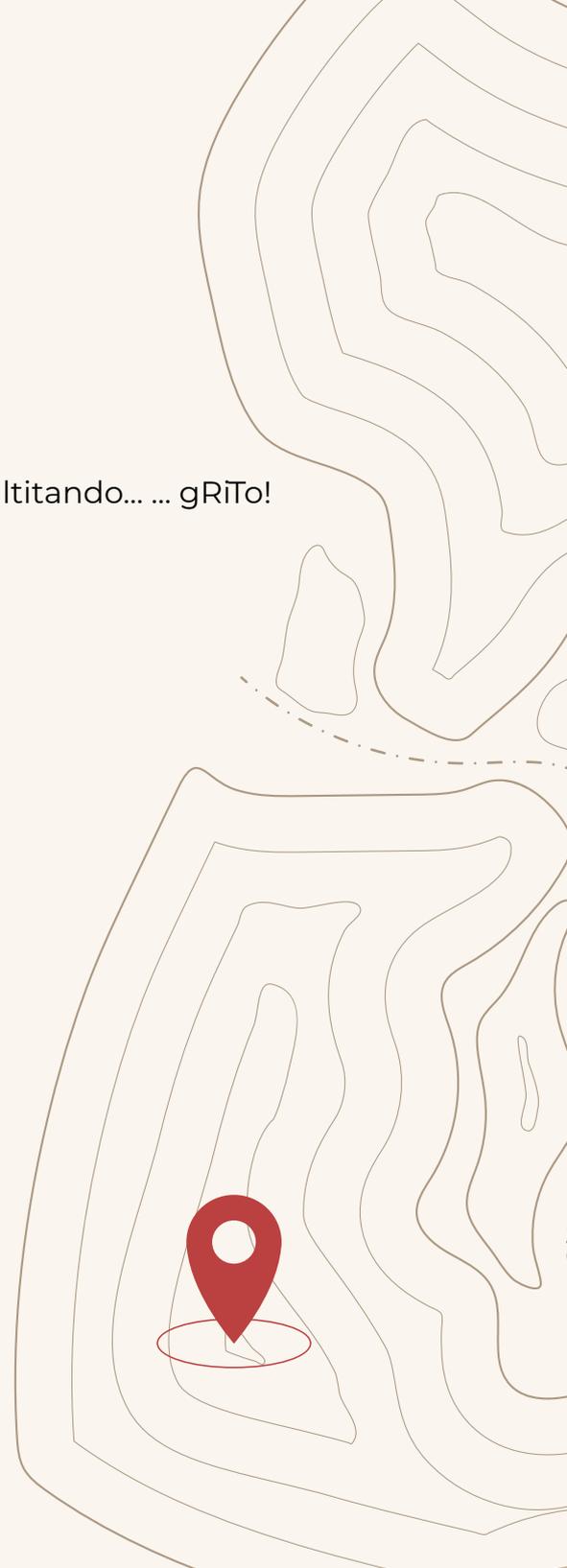
existo

Vocifero!

Danço, caio, levanto

canto, sussurro, gRiTo...

mando pro quinto!



Giovana Dalcin Netto

Parti da destruição, do (des)viver

Do vazio oco e sem bordas

Mas deslizei e naveguei contra as correntes

Construí bordas e fronteiras

E hoje navego quase livremente no território das imagens e letras

Tenho tido sonhos em que meus algozes retornam.
Eles me cercam,
sussurram em meus ouvidos,
debocham de mim.

Me sinto tonta e acuada.
Impotente também.

Então desperto,
leva um tempo até perceber que acabou.

“São gatilhos”, me diz a terapeuta.

- É o preço que se paga por mexer em memórias inflamáveis.



Ismin Schleder

Percorro lugares,
encontro rotas,
às vezes fico, mas permanecer...
não é da minha natureza!
Eu gosto é da caminhada.

Amor de mãe

Sai ela para a sua caminhada matinal
com seus dois filhos medicados
O mais velho sofre de ansiedade
a sua mãe o trata carinhosamente com florais
vitamina C, ômega 3, diuréticos
enfiando-lhe diariamente
comprimidos que dilaceram a garganta

No meio do passeio
aproveitou e foi checar a saúde dos filhos
Comprou mais comida e medicações
e pediu para ajeitar os cabelos de seus pimpolhos
Qual o problema de um queimadinho no couro cabeludo, não é?
O importante é estar ajeitadinho

Chegando em casa
está plena
Segundo ela,
seus filhos estão medicados, bem tratados
Pega a panela de carne de primeira dentro da geladeira
sem sal, porque os filhos têm pressão alta
esquenta no microondas
pega na cristaleira a louça do século XIX que a nora comprara num antiquário
e serve o almoço das crianças
mas não na mesa
Ela os mimar e deixa fazer o que quiserem
deixa comer no sofá
mas ela come na mesa o guisado de segunda

Hora do almoço, lembra de tomar o remédio
ivermectina, cloroquina
Toca a campainha
“Mãe, não sabe que a senhora não deve tomar essa medicação?”
Mas João Pedro, foi o médico que receitou!
quer dizer, Norman,
foi o médico que receitou



O filho sente que não deve perder o seu tempo com aquela conversa
não adianta tentar de novo convencer a mãe
nem a enxergar a realidade de forma mais lúcida
em a amá-lo mais

À tarde
a mãe assiste séries documentais
na companhia dos dois poodles gigantes
Daqui a pouco é a hora do floral do João Pedro.



Jessica Oleques

Sou professora de Língua Portuguesa
mas também gosto de fazer desenhos
de tocar instrumentos de corda
e aprendi a cantar
Amo terror
gosto de comédia

e acho filmes de drama apenas histórias sobre a vida cotidiana das pessoas.

Sobre a força que resiste

Sou a água que escorre por entre os dedos,
Que ninguém detém,
Que escapa,
Que foge,
Que contorna,
Mas não desiste

Sou a força da flor que nasceu no meio do asfalto
Sem autorização,
Sem pedir licença
Desviando o trânsito

Sou o mistério do início,
A tentação do meio,
O fascínio do fim

Sou o vento que passa
Bagunçando cabelos,
Derrubando certezas,
Indo e vindo, livremente

Sou aquela que prendem
No alto da torre,
Nas gaiolas,
Nas proibições
Nos não sociais

E que como o ar
Se liberta dos pulmões,
E se transforma em vida

Sou fênix,
Sou quem recria,
Quem procria,
Quem cria,
Quem enfrenta

Sou o indomável
O indefinido,
A força que move,
A água que escorre
O ar que necessitas

E antes que possas me decifrar
Já o devorei...

Sou mulher



Leticia Moreira

Sou como a água que segue o seu caminho
por entre barreiras,
No ir e vir dos tempos
Me construo, me refaço, me enlaço
Mergulho em mim e encontro o meu cae(i)s

Para suas camisas brancas
sou mancha encardida
Para seus pisos brilhantes
sou poeira a ser varrida
eu sujo os seus tapetes
e sou a pior estrada pros pneus cromados
do seu carro do ano
abafa com concreto, asfalto e brita
imagina se chove,
eu sou a lama que grita:
um pouco de terra na sua cabeça talvez ajude a lembrar
todos os dias você quer que eu desapareça
eu volto na forma da comida servida na sua mesa
você embrulha seus pés em camadas pra não me tocar
eu sou da cor dos povos que você insiste em não enxergar
quanto tempo mais vai demorar pra entender?
é engraçado,
você me despreza,
mas me rouba e chama de conquista
traduz meu valor em dólar,
gado, soja e pesticida
não chega perto com medo de sujar,
enquanto eu gesto no âmago do meu ventre
a mesa farta do seu jantar.



Luísa Chini Baptista

Sou vida que rebrota em verso
a arte me cria, mesmo sem academia
na busca do silêncio da semente
eu respiro poesia

Corpo Liberto

Meu corpo fêmea
que sangra e floresce
aninha-se ao movimento cíclico
e criativo da Mãe Terra
que deixa fluir
que se movimenta
na consciência do sentir
do manifestar
do deixar ir e chegar.

Experimento de novo ser Vento
em busca de um céu azul,
claro, lindo e sem fronteiras
de onde alço meus voos sem medo.

Nesse Não-Lugar
meu corpo é livre
meu desejo é transcendente
minha mente é luminosa.
Existir é o meu PODER.

Márcia Fagundes Barbosa

nas Palavras me descobri
com as Palavras brinquei
nas Palavras e em outras línguas me formei
com as Palavras trabalho, produzo
nas Palavras me redescubro

¼ OUTRA

Vazava pelas frestas
abismos em chamas.
Em busca de outras moradas
perdia-se.

Inquietação.
Como pode?
Perguntava-se.

Rodeava a casa.
A luz das velas aos pés da santa
os móveis de madeira e palha
quadros nas paredes duas cores.

Tudo no seu lugar.
Isso é para morrer.
Chorava.

As cortinas dançavam
emaranhavam seus olhos.
O corpo resplandecia
em mil movimentos.

Estilhaçada.
Isso é amor.
Fugia.

Buscava a terra
caminhos que existiam
sem tempo,
outra vez.

Sentia-se.
Que sonho é esse?
Contava.

Que vivia em uma casa móvel
entre as estrelas.
Em lugar nenhum
demorou-se

apreciando sua mobília.

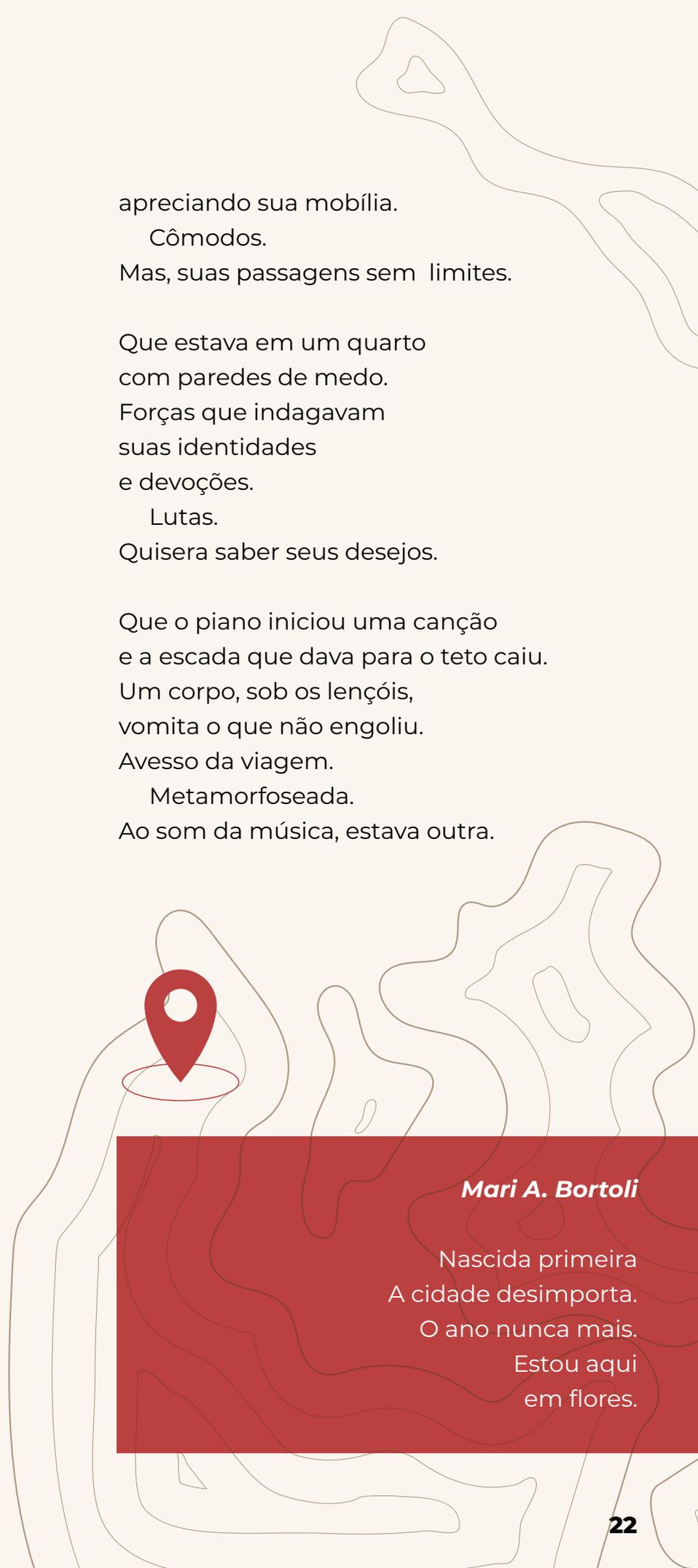
Cômodos.
Mas, suas passagens sem limites.

Que estava em um quarto
com paredes de medo.
Forças que indagavam
suas identidades
e devoções.

Lutas.
Quisera saber seus desejos.

Que o piano iniciou uma canção
e a escada que dava para o teto caiu.
Um corpo, sob os lençóis,
vomita o que não engoliu.
Aveso da viagem.

Metamorfoseada.
Ao som da música, estava outra.



Mari A. Bortoli

Nascida primeira
A cidade desimporta.
O ano nunca mais.
Estou aqui
em flores.

A CHEGADA

Vem dizer o que sente
a carne ainda viva
pelas dores
pelas noites
pelas faltas

Vem chorar todas as lágrimas
as torrentes
pelas separações prematuras
pelos amores perdidos
pelas feridas abertas

E se nelas tocarem, abruptos
sem perguntarem se ainda dói
sem olharem por onde pisam
sem considerarem a criança

Vai atirar pedras,
endurecer, xingar, cuspir,
gesticular, urrar, gritar:
- Não!

Precisam saber, ainda que sangue
que do cansaço brota a serenidade da força
que o sofrimento deu consistência ao corpo
que ela agora conhece a coragem, e cuida de si;

tocou com os pés o fundo, afogando-se
engoliu água, sentiu na garganta a areia
e foi só quase viva que chegou à beira da praia
e não há de se afogar em poça d'água:

vai respirar fundo, o seu ar
vai sobreviver mais uma vez
furiosa e triunfante
pedra macia e resistente
parida como poema.

Marieta Madeira

A mulher forte e madura (só que não)
A mãe amorosa e generosa (até demais)
A que escuta a dor (e acolhe)
A que quer dizer e escrever a raiz
Aprendiz



Para fora

Como isso tudo,
que estava fora,
entrou?

Como isso tudo,
externo a mim,
se tornou meu?

Problema meu,
preocupação minha,
minha culpa.

Como isso tudo se tornou meu
para dar conta,
para assumir as consequências?

Preciso botar para fora...
Como?
Eu já não sei onde termino.
Onde começa o "fora"?

Para fora o luto
de quem saiu de mim
por sua conta e risco.

Para fora a dor
das escolhas
que não fui convidada a tomar.

Que fique a revolta,
aquela que, em sonhos, Caetano negou.
Que fique a inquietação das perguntas
que não querem calar

Que fique o sonho vão...
No vão que há entre o que é dentro e fora?
No limite entre o que é meu, o que foi nosso e o que é seu

Natália Doria da Costa

Filha da Anita e do Lúcio
cheia de perguntas sonhos utopias, ainda criança
de 90
Natália - confusa cansada crescendo



Poa Revisitada

(2021)

Corta, arranca, puxa, disfarça, tapa, maquia,
Imita, finge, esconde, fake, fake, fake news

Isto é apenas a ponta do pêlo, digo, do iceberg.

Toda montada:
Quem eu quero ser?

Não, não quero padrão.
Já disse que não.

86 bilhões de neurônios em cada caixa
A reproduzir escolhas que não fizemos
Não me calam na estética
Existe o infinito entre zero e um
Tirem-me daqui o jeito certo de ser

Não me embriaguem no patriarcado
Lúcida percebo múltiplas realidades
Não me falem em moral!
Capacidades independentes
do homem ao meu lado

Não atendo ao capital
Nem à família tradicional
Da máquina ao digital
Ainda consideram o genital

Padrão não é receita de felicidade
É sobre discriminação
Aniquilante da diversidade
Cortina de fumaça sobre a questão
Quem sou eu?

Ouso desafiar a convenção.



Queriam-me casada, fútil, cotidiana e tributável?
Queriam-me bela, recatada e do lar?
Queriam-me?

Despejo o roteiro a ser seguido.
Não atendo mais ao padrão.



Priya Nilah

Sou correnteza acorrentada, sou fluxo que nunca cessa.
Espírito(a) livre descobrindo sua fonte.
Sou feita de encontros.
Nossa conexão fortalece, transforma, transborda o meu ser.
Sou gratidão quando estamos aqui.

encarar esse papel como um espelho
evocar uma verdade como se
um pequeno pote de tinta preta
fosse delicadamente derrubado sobre a folha
o jorro de tinta diz, incisivo:
eu não sei receber amor

consigo enxergar as partículas de amor
saindo espontaneamente dos poros de quem diz
“eu te amo”
consigo perceber a intenção, a aura, o movimento

não desconfio do amor
eu só não sei recebê-lo

e então me entregam um presente
e eu não sei abrir o embrulho
me direcionam palavras
e meus ouvidos se contorcem
guardam um lugar para mim na primeira fila
do show da minha cantora favorita
e eu assisto o show em algum canto
de pé
e não é uma questão de preferência,
é uma questão de bloqueio

encaro esse papel como um espelho
observo a tinta preta espatifada
penso em repelentes
e bloqueadores solares
penso que seria justo explicar aos que me amam
esse detalhe, esse fundo falso
essa coisa impermeável

encaro esse papel como um espelho
observo a tinta preta, aos poucos, sendo absorvida
penso que foi uma questão de tempo [a absorção]
penso que foi necessária uma certa exposição



encaro esse papel como um espelho
evoco uma verdade como se a vulnerabilidade
não me assustasse:
eu não sei receber amor

ainda



Raisa de Souza Nunes

atenta aos detalhes,
coleccionadora de sentidos
e entusiasta de aleatoriedades

tenho coragens rápidas:
me mostro entre uma camuflagem e outra

Marcha das Ancestrais

Estamos às centenas, milhares,
Em marcha
Nos apunhalar com palavras
ou o rasgo do seu cassetete na minha pele
Não arde mais do que sua aversão
ao nosso cabelo,
a nossa roupa
à etnia
de nosso povo arrancado da pátria,
presa da barbárie e do poderio

Estamos às centenas, aos milhares,
Em marcha

Quando avista minha cor na rua
E me indaga se eu tenho uma colega
Seu juízo de valor me assalta
Respondo: sim
É especialista em não limpar sua sujeira
A intolerância alva
cospe em nossa pretitude
perpetuando a subserviência
entrando pelo elevador de serviço
limpando o vaso do seu banheiro
preparando seu almoço e jantar
frequentando a sala de estar
apenas para aspirar o pó dos móveis
ser a babá dos seus filhos e do seu cachorro
E no fim do expediente
Confinar meu repouso na senzala:
o quartinho de empregada
Se eu for jovem serei assediada
Com seu falo a abusar do meu corpo
Mais tarde,
Incriminada por “seduzir” o patrão.

Continuamos às centenas, aos milhares,
Em marcha

Não precisa mascarar a sua repulsa
Afasto de mim, seu olhar
toda a vez que sua retina me enxergar inferior
O grau de seu preconceito não me oprime
Tenho a lente aumentada sobre minha autoestima
Sei quem eu sou,
de onde pertenço
e onde estou
Uma nação que atravessou o oceano
Com os corpos apesados por correntes
Feito mercadorias
Descendente de um povo
Des-nominado
Sob a alcunha dos algozes senhores
Calaram a nossa língua
sufocaram nossas crenças
Mas tudo que é nosso se eterniza
no sangue e na alma
A África é a nossa religião
Origem e destino

Somos centenas, milhares
em marcha

Abandonamos os aventais
Ocupamos a Casa Grande:
As bibliotecas, os parlamentos
Estamos chegando,
aos poucos,
ainda enfrentando as balas e as torturas
Mas as peias não nos travam
E as mordanças não nos silenciam
Somos nossos ancestrais
que nunca desistem de chegar,
de romper, definitivamente,
as algemas do racismo.



Rosa Pereira

o amor, imprescindível, no todo e em tudo
no útero da terra, os cinco elementos
sementes de fé e atitude pra germinar
solidão em gotas e prazer profundo

Que nuvem é essa dentro da minha casa?

Eu sinto fome,
então, roubo um pedaço das nuvens.
Sinto saudade, e olho para trás.

Eu danço uma última dança com o vento
no alto de um prédio,
e caio, numa tarde lilás.

De um lado, a lua coberta de sangue

o mesmo sangue;
E tiro as pedras do caminho do meu sapato;
Atiro-as no rio,
não pularam.

Há muita estrada daqui até o infinito
Há incontáveis dias no calendário
Há incontáveis vidas em um grito
Há um lado da vida, que se esconde: minha imagem colorida.
Há, então, um caminho.

Eu encontro no céu um novo planeta
Sei que estou sonhando, um, dois, três...
Abro os olhos e encontro em mim o mundo
partindo-se



Do outro, o mesmo lado,



outra vez

Sara Ventorini

Cultivando sementes em um pote vazio;
pouca e muita coisa me importa: ser mais amiga das palavras,
e assim nascer mais flores.

maré

fora de mim o mundo
as engrenagens de um sistema
que contrariado me inclui
e por muito pouco me condena
que tem por mim o ódio
disfarçado de poema
um deserto cinza e sufocante
cheio de crueldade e de sangue
mas dentro de mim o mar

fora de mim a minha casa
o concreto os móveis os cristais
as áreas expostas e os esconderijos
os dias e as noites tão iguais
o meu refúgio desse mundo entre
fotografias de momentos especiais
e uma solidão que passeia
que se estende feito um manto
mas dentro de mim o mar

fora de mim a minha face
o meu cerne a minha dança o meu calor
os olhos que observam as engrenagens do
mundo
os dedos que se derramam em versos de amor
os lábios que contam histórias
a carne de um corpo que entende da dor
o meu sorriso o meu cabelo a minha voz
uma pequenez que aparenta ser fácil de silenciar
e então, dentro de mim, o mar



Sha Konrath

eu sou uma brisa de praia
onda que rebenta forte, espuma, se espalha
sou um verso ainda não lido
pedaço de papel que borrou com a água virou
aquarela feita de palavras que só mesmo o mar sabe

ORGANIZADORAS



Camila Alexandrini

36 anos. Professora e doutora em Letras (PUCRS/2017). É autora de “mesmo sendo só um pedaço de vida profunda” (2017), livro de contos publicado via financiamento coletivo, “Orgasmo Desconhecido” (2019), plaquete de tiragem limitada e posteriormente e-book, e co-autora de “Raízes inventadas” (2018), livreto de ensaios, publicado de forma independente via Coletivo Lápicos, coletivo de intervenções urbanas do qual fez parte de 2013 a 2017. “Do lado|de fora” (no prelo) é seu último livro, no qual se dedica à poesia e à prosa poética. É uma das idealizadoras do projeto cultural e educacional Fora da Asa - Experiências Plurais (2017-) e ainda integrante do grupo que trabalha pela manutenção do projeto e do espaço (-2020). Em 2021, decidiu escrever semanalmente no Medium - colocando-se frente a temas cotidianos e polêmicos. Ministra aulas e cursos de escrita e leitura na Fora da Asa e em outros contextos educacionais formais e não formais. Como professora e revisora atua há 15 anos e, recentemente, assessorou a produção de textos literários como os das obras “Sujeita”, livro de poesias de Brenda Vidal, e “Atlas”, obra de ficção científica não publicada de Hitallo Dalsoto, bem como, em 2020, foi produtora do projeto TodAs EscreVemos, convocatória, seguida de panorama, de escritas de mulheres de Porto Alegre. O propósito segue e está em vias de se tornar uma iniciativa de mulheres que não só escrevem, mas também editam.



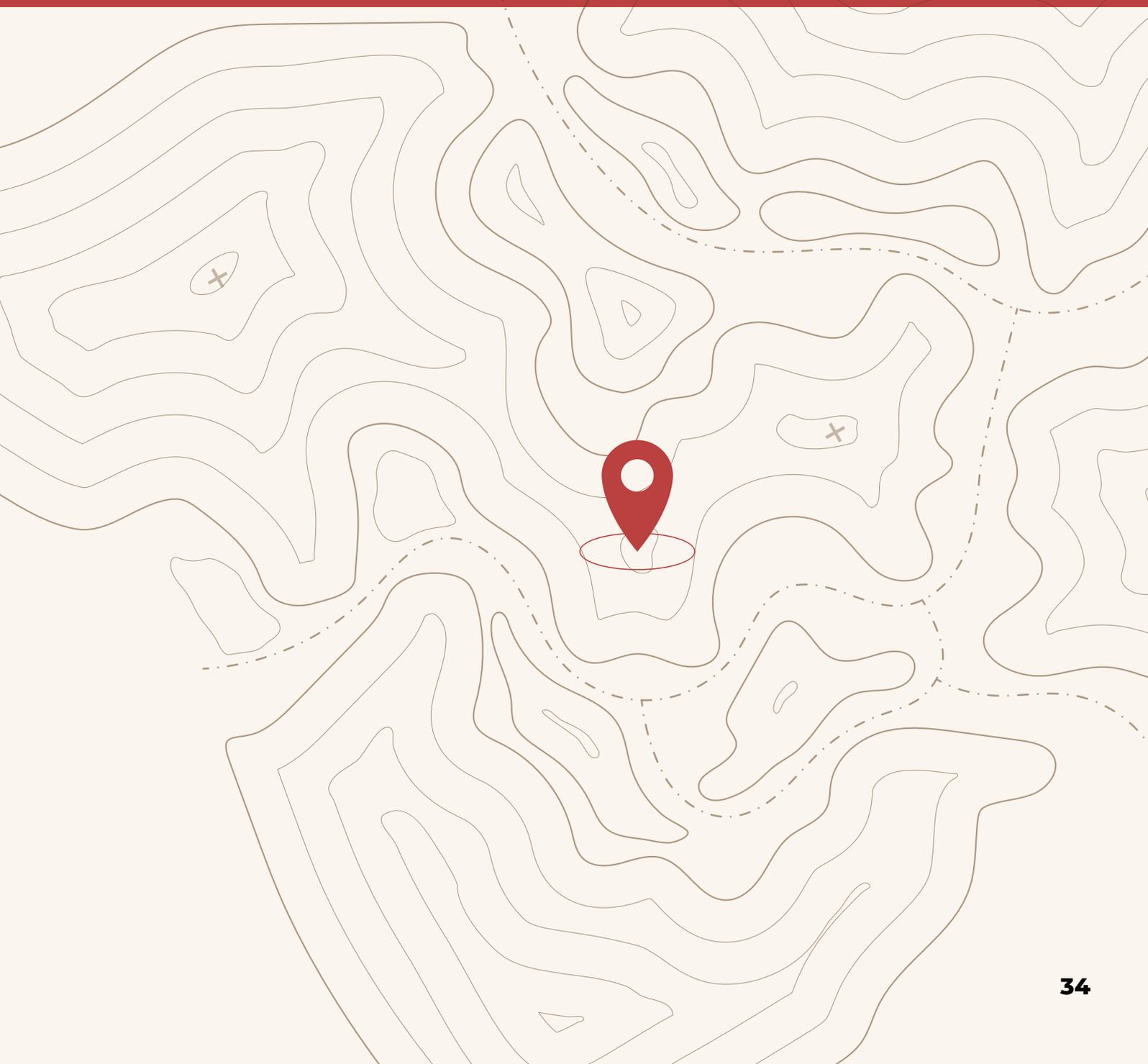
Bruna Morelo

Professora de língua portuguesa e inglesa, Mestre em Linguística Aplicada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e doutoranda na mesma área na Universidade de Macau. Realiza pesquisa e trabalha com contação de histórias da tradição oral no ensino de português e na formação de professores. Atualmente, é apoiadora e realizadora da Fora da Asa – Experiências Plurais, coletivo de mulheres que promove ações e projetos culturais e educacionais. Colabora como revisora e avaliadora de periódicos científicos e, recentemente, tem participado da elaboração de oficinas de escrita para mulheres e de projetos para publicação independente.

DIAGRAMAÇÃO/DESIGN

Lis Bortoli Henz

Nasceu em Porto Alegre, 1995. Interessada por fotografia, desenho e arquitetura desde criança. Busca por uma mistura desses temas no Design Gráfico/de Produtos. Formada em Design de Produtos pela Unisinos em 2017, trabalha na área há 3 anos. No seu portfólio: criação de outdoors, anúncios para jornais e revistas, identidade visual, diagramação digital, posts para redes sociais, além de alguns projetos de Design de Produtos premiados em parceria com Tramontina e Junges.



FORA
DA
ASA



todas
escrevemos

Fora da Asa
Experiências Plurais
foradaasapoa@gmail.com
www.foradaasa.com.br